

Vol. 7, Issue 5, Feb 2018

ISSN 2249-894X

REVIEW OF RESEARCH

An International Multidisciplinary Peer Reviewed & Refereed Journal

Impact Factor: 5.2331

UGC Approved Journal No. 48514

Chief Editors

Dr. Ashok Yakkaldevi
Ecaterina Patrascu
Kamani Perera

Associate Editors

Dr. T. Manichander
Sanjeev Kumar Mishra



O CAMPO COMO ESPAÇO DA CIÊNCIA E OBJETO DE DOMINAÇÃO

Ana Paula de Souza Oliveira¹ and Yoshiko Sasaki²

¹ Assistente Social e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

² Professora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

ABSTRACT:-

This article aims to discuss about the scientific field as a space of domination from the perspective suggested by Pierre Bourdieu, where the legitimate definition of science is linked to the interests of the ruling class seeking to maintain their privileges. Given this logic uneven, are a part (a minority) in search of recognition, and the other, mere spectators of the social reality

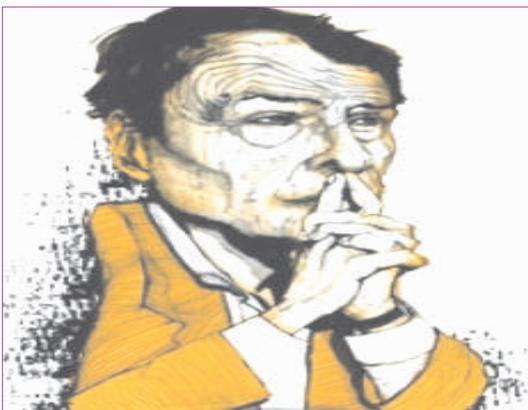
KEYWORDS: Scientific field. for Power. Monopoly.

INTRODUÇÃO

Ao discutir acerca do campo científico como espaço da ciência e objeto de dominação a partir da obra de Pierre Bourdieu “Campo Científico” publicada na década de 70 na França, se busca, sem dúvida, mostrar a relevância da sua perspectiva metodológica nas ciências humanas. Mas não somente isso, evidenciar como o pensamento do filósofo fornece aportes teóricos importantes para compreensão da representação da realidade e da dominação social.

Para Bourdieu a ciência é um constructo social permeada de relações antagônicas em que se observa uma verdadeira cisão no processo de produção do conhecimento, ou melhor, demonstra que a ciência se configura como a própria divisão do trabalho em que os indivíduos são diferenciados pela atividade que exercem: trabalho intelectual e trabalho braçal. Diante disso, o autor chama atenção para as trocas desiguais que permeiam no interior do campo científico.

Nesse sentido o campo científico mostra ser muito mais do que um lugar de exploração, mas onde coabitam interesses distintos em que predomina um mercado de bens simbólicos onde as posições assumidas já são pré-estabelecidas, pois a produção do conhecimento caminha paralelamente com a expansão do capital. Ou seja, a posição que o sujeito ocupa no sistema de produção é que determinará a sua legitimidade científica. Dessa maneira, o espaço do campo evidencia a disseminação da concorrência e da competição, em especial, no âmbito das instituições que fomentam conhecimento como as academias.



Partir-se desse contexto para discutir as relações de conflitos que ocorrem no campo científico. Assim, inicialmente será abordada a ideia de campo é de habitus que segundo o autor se complementam, as lutas e as tomadas de posição. Por fim, será discutida a influência da sociologia na construção da realidade social.

DEFINIÇÃO DE CAMPO CIENTÍFICO

Parti-se da perspectiva estruturalista de Bourdieu que trabalha os instrumentos simbólicos, para demonstrar os conflitos e relações de dominação existentes no campo científico.

No Poder Simbólico (2004, p.59) o autor traça a gênese do conceito de campo onde coloca que no primeiro momento o termo foi utilizado para direcionar as pesquisas, ou seja, servia como uma bússola. Assim, de acordo Bourdieu o campo exprime a mesma origem do que a noção de habitus.

Ou seja, para que se compreenda a idéia de campo é necessário que se entenda primeiro sobre habitus que é: a “recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou: a filosofia da consciência (ou do sujeito), do inconsciente, do finalismo e do mecanicismo, etc.” (BOURDIEU, 2004, p.60)

O habitus é entendido como um “conhecimento adquirido” por meio de um capital simbólico. Ao falar de habitus se refere à própria trajetória do sujeito (pesquisador e/ou intelectual), suas relações na produção do conhecimento, assim como, a busca pela autonomia relativa no interior do campo. Mas não somente isso evidencia estilos de vida, o prestígio de quem detém o capital intelectual.

Com relação à idéia de campo o autor chama atenção para os diferentes empregos assumidos pela palavra. Para tanto utiliza vários teóricos de perspectivas epistemológicas distintas, que colocava em cheque as relações entre os sujeitos envolvidos na construção do conhecimento, pois se ignoravam as relações objetivas entre os sujeitos envolvidos. Com isso, caía-se no reducionismo e no formalismo com os quais as formas sociais eram tratadas.

Para Bourdieu a noção de campo representa um espaço social de dominação e de conflitos. Cada campo tem uma certa autonomia e possui suas próprias regras de organização e de hierarquia social.

Cabe mencionar, que tal conceito assume essa denotação com a crítica do pensamento de Weber no campo da religião, que Bourdieu (2004, p. 67), não somente percebe que o campo se constitui como um espaço social, mas assegura a existências de “homologias estruturais e funcionais entre todos os campos” seja cultural, artístico, científico e político etc.

A teoria geral da produção do campo é construída a partir de conceitos gerais, tais como, capital, investimento e ganho. Ou seja, ao criticar o pensamento de Weber numa perspectiva relacional Bourdieu observou, que ao objeto de estudo “a religião” Marx Weber aplicava inúmeros conceitos presentes na economia como concorrência, monopólio, oferta e procura. Diante das propriedades gerais evidenciadas no âmbito da economia salientou que “é a construção do objeto que exige a transferência e a fundamenta.” Assim, o campo pode ser entendido como,

[...] uma estenografia conceptual de um modo de construção do objeto que vai comandar – ou orientar – todas as opções práticas da pesquisa. E funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial das suas propriedades [...] (BOURDIEU, 2004, p.27).

A forma específica na qual são revestidos os campos permite visualizar as estratégias e os mecanismos existentes. Portanto, segundo Bourdieu (2004, p.69) faz-se necessário:

[...] Compreender a gênese social do campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir [...]

Já na sua obra campo científico Bourdieu (1983, p. 122), salienta que o campo científico é construído socialmente, e se configura como um espaço de luta, pois a “ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde todas essas invariantes revestem formas específicas.” Na verdade essas variáveis são mediadas pela posição que os sujeitos ocupam nesse contexto.

Observa-se o que está em jogo é o reconhecimento dos envolvidos, isto é, o que se busca é o domínio e/ou “monopólio da autoridade científica.” Não importa se o que foi criado é de fato algo novo, o importante é deixar a sua marca, a reputação, manter sua posição no ranking dos produtores do conhecimento. Dessa maneira, o interesse se mostra intrínseco a noção de campo.

Ambos os conceitos interesse e autoridade científica, mascaram a realidade, porque embora transpareça que o conhecimento vem atender a coletividade o que na maioria das vezes prevalece é a satisfação individual representada pelas figuras do pesquisador, da instituição a qual o mesmo representa e o outro que é concorrente. “O que é percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros” (BOURDIEU, 1983, p.125). Dessa forma, a produção do conhecimento é marcada por conflitos que tanto podem ser definidos como sociais e intelectuais, conforme estabelecido por Merton apud Bourdieu (Idem).

Na perspectiva levantada pelo sociólogo americano Merton o conflito social é entendido como o conjunto de recursos intelectuais a serviço da ciência, enquanto o conflito intelectual está presente na própria dinâmica de produção do conhecimento que é marcado pela oposição das teorias. Com isso, a produção do conhecimento é mediada por diversos fatores econômicos, sociais, culturais e políticos que determinam a luta no campo científico. Em suma, não há como negar o interesse pelo “lucro simbólico.”

Por todos os aspectos mencionados, o campo científico vem legitimar as condições pré-existentes no qual o conhecimento é forjado. O que se quer dizer com isso é que embora a noção de campo seja pensada de forma relacional a ciência é otimizada no meio social por aqueles que assumem posições de destaque e/ou por seus seguidores que dependendo de sua posição teórica pode contribuir para ruptura como para dá continuidade ao que está colocado como ideal.

As lutas e a posição no campo

A estratégia de luta pelo monopólio da autoridade científica constitui a definição exata do que é ciência, pois a produção do conhecimento é pautada principalmente pelo princípio da legitimidade daqueles que dispõem das condições necessárias e do poder que lhe é confiado no campo científico. De acordo com Bourdieu o conhecimento enquanto produto não está ao alcance de todos e sim de uma pequena minoria que é detentora de poder.

Toda produção científica ou feita no campo traz consigo um posicionamento político em virtude da opção teórica. Nessa dinâmica os conflitos de interesses são margeados pela luta entre os envolvidos os quais objetivam a supremacia da sua ciência em detrimento da do outro. Nesse sentido Bourdieu (2004, p.126) evidencia:

[...] o campo científico, enquanto lugar de luta política pela dominação científica, que designa a cada pesquisador, em função da posição que ele ocupa, seus problemas, indissociavelmente políticos e científicos, e seus métodos, estratégias científicas que, pelo fato de se definirem expressa ou objetivamente pela referência ao sistema de posições políticas e científicas constitutivas do campo científico, são ao mesmo tempo estratégias políticas [...]

Não obstante a isso, a definição da ciência está ligada a definição dominante da ciência, Bourdieu evidencia que a lógica de mercado é intrínseca a todo tipo de produção inclusive a ciência que sem ser submetida a uma clientela direta confronta-se com os desafios da concorrência interna, entre os pares-concorrentes.

Nos diversos campos essa realidade se faz evidenciar, pois o que está sempre em jogo é o domínio de impor aos outros o que lhe convém favorecendo a manutenção das posições de poder e a “domesticação dos dominados”. Assim, o campo científico produz e supõe uma forma específica de discurso que controla e determina a subordinação entre as classes sociais – os dominantes sob os dominados que representa (os recém chegados no campo científico).

Nas estratégias de luta pelo monopólio da ciência se faz evidenciar a violência simbólica em que “as tomadas de posição ideológica dos dominantes são reproduzidas e utilizadas para reforçar dentro e fora da

classe à crença na legitimação da dominação da classe". Em decorrência desse mecanismo a classe dominada se vê cooptada a aceitar de forma natural as representações sociais dominantes.

Nesse contexto, as ideologias se constituem como "produto coletivo e coletivamente apropriado, servem a interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao grupo".

Nenhum campo está imune as relações de poder, porque é intrínseco. Fazendo um paralelo com visão durkheimiana, Bourdieu explicita a função do campo científico para a classe dominante que tenta a todo custo impor seus desejos. Portanto, "a definição do que está em jogo na luta científica faz parte do jogo dos dominantes que conseguem impor uma definição da ciência segundo a qual a realização mais perfeita consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem" (BOURDIEU, 1983, p.128).

O poder tem como efeito a manutenção da ordem e aceitação da realidade como ela se apresenta, pois o ideal é isso que está posto. Não sendo possível reverter tal situação. Na verdade essa visão acaba por naturalizar as grandes assimetrias e desigualdades na produção e circulação da ciência. Dessa forma, o campo científico:

[...] É sempre o lugar de uma luta, mais ou menos desigual, entre agentes desigualmente dotados de capital específico e, portanto, desigualmente capazes de se apropriarem do produto do trabalho científico que o conjunto dos concorrentes produz pela sua colaboração objetiva ao colocarem em ação o conjunto dos meios de produção científica disponíveis [...] (BOURDIEU, 1983, p.136).

Ao falar das relações de poder no campo científico remete-se as idéias de Foucault na Microfísica do Poder (1979), em que tematiza o poder em diversas instituições, como por exemplo, nas universidades. Segundo o autor não existe saber neutro. Pelo contrário "todo saber é político, pois todo saber tem sua gênese em relações de poder". Diante disso, o poder para ser manifestado não precisa de sentido, simplesmente acontece, pois se trata de uma prática social que geralmente incita resistência.

Ademais o autor salienta que o poder não é algo "dado, não se troca nem se retorna, mas se exerce e consiste numa relação". Isso remete a discussão do conhecimento, cujo aceso não se dá, de forma equitativa na sociedade, em virtude disso, os que o detém, exercem poderes diferenciados dependendo do grau de conhecimento e da posição que estão.

A perspectiva que Foucault tenta mostra sobre o poder não é aspecto totalmente negativo, mas ao contrário a positividade do poder, nas palavras dele o "poder possui uma produtividade e uma riqueza estratégica". Ou seja, o indivíduo é adestrado para que dele se retire algo de melhor na visão da economia. O autor salienta que sem esse mecanismo a "dominação capitalista não se manteria no poder somente com a repressão. Por fim vale mencionar que o "saber funciona na sociedade dotado de poder", não sendo possível desvinculá-lo dessa posição. No entanto, o autor chama atenção quanto ao papel do intelectual:

[...] O papel do intelectual não é mais o de se colocar um pouco na frente ou um pouco de lado para dizer a muda da verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento na ordem do saber, da verdade, da consciência do discurso [...] (FOUCAULT, 1999, p.71)

Para Bourdieu (2004, p.14) o poder se manifesta como muito mais que um instrumento da classe dominante (intelectuais), é algo "mágico que permite obter o equivalente a força (física ou econômica), graças ao efeito de mobilização, e só se exerce se for reconhecido."

No âmbito científico as relações de poder ocorrem de forma velada. Bourdieu tanto no Poder Simbólico como no Campo Científico ressalta que os intelectuais enquanto detentores do conhecimento, e representantes da classe dominante, pela posição que assumem, principalmente, em matéria de política suas ações se mostrem redundante.

Assim, essa ambígua relação de poder faz com que muitos intelectuais na busca de objetivos elevados e socialmente desejados acabem extrapolando os limites de sua competência e até questões morais para garantir seus interesses fazendo apelo aos títulos escolares e/ou distinções hierárquicas, "num resgate similar aos títulos de nobreza de outrora, transformando-os, em passaporte para se tornarem a "Nobreza do Estado"

contemporâneo”. É como se fosse um jogo, o importante não são as armas que se utiliza para jogar, mas sim vencer, ou seja, conquistar a autoridade científica.

Diante disso, percebe-se que o espaço da produção se mostra muito contraditório uma vez em que a principal barreira é desigualdade existente que acaba favorecendo as relações de poder e permitindo a sujeição do outro que possui a mesma posição no cenário científico.

Cabe mencionar, quanto maior a autonomia do campo, os pesquisadores envolvidos terão a garantia dos bens simbólicos: o capital e o prestígio etc., tanto no âmbito científico como pelos pares-concorrentes. Na luta pelo reconhecimento as partes envolvidas travam verdadeiros embates para aquisição dos meios necessários para o desenvolvimento das pesquisas. Nesse contexto, as universidades e as agências financiadoras se configuram como instâncias facilitadoras e fomentadoras da produção da ciência.

Vale mencionar, que as instituições de ensino, em especial as de nível superior assumem no âmbito do campo científico o controle do conhecimento, bem como, a reprodução do campo do poder, uma vez que visam à preservação das funções sociais por meio da violência simbólica. No entanto, isso depende do acervo material e do capital simbólico acumulado.

Diante disso, “a forma que reveste a luta inseparavelmente científica e política pela legitimidade depende da estrutura do campo, isto é, da estrutura da distribuição do capital específico de reconhecimento científico entre os participantes na luta” (Idem).

Na economia das trocas simbólicas Bourdieu (2004) revela que as posições assumidas nos diferentes campos, seja intelectual e/ou artísticos são determinadas pelo histórico de vida, isto é, origem social do sujeito, pela universidade onde estudou, assim como, pelos professores que contribuíram para a consagração e reconhecimento da competência científica. As exigências no campo científico reforçam a competição entre os pares-concorrentes e evidenciam que o saber não é equitativo na sociedade e tampouco existe igualdade de oportunidades.

Nesse contexto, o que interessa é a busca pelo sucesso e almejar o topo da hierarquia do campo científico em que está inserido. Assim, todas as posições visualizadas no campo não se apresentam da mesma forma para os participantes do mesmo campo, pois os bens simbólicos adquiridos ao longo da carreira constituem o diferencial e vem demonstrar as diferentes posições.

Cabe salientar que “a posição ocupada e a maneira de ocupá-la dependem de toda trajetória conducente à posição, ou seja, dependem da posição inicial da família de origem, também ela definida por uma certa trajetória” (BOURDIEU, 2004, p.167). As posições no campo mostram não somente isso, mas as escolhas epistemológicas que conseqüentemente proporcionam ao longo da produção do pensar cientificamente momentos de continuidade e rupturas.

Portanto, a luta e as tomadas de posição estão contidas na própria estrutura de campo, e mostram ser o caminho a ser trilhados na trajetória de todos aqueles inseridos na produção e circulação do conhecimento na busca de se alcançar a legitimidade e autoridade científica. Mas essa visão de ciência precisa ser superada, pois já não é mais possível justificar o que está aí, é necessário contestar e procurar a superação da realidade social e refutar qualquer possibilidade de monopólio da ciência.

Os desafios no campo

Os desafios a serem enfrentados no campo da produção intelectual são inúmeros, no entanto deve-se dá não somente atenção as questões metodológicas, mas também as que influenciam a estrutura do campo. De acordo com o Bourdieu (1983, p.133) “a estrutura se define, pelo estado das relações de força entre os protagonistas em luta, agentes ou instituições”.

Segundo o autor o pesquisador não deve se prender a metodologias rígidas que impossibilite ousar. Deve-se levar a pesquisar como algo “sério e difícil para se poder tomar a liberdade de confundir a rigidez, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o rigor, e se privar deste ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais da disciplina – e das disciplinas.” (BOURDIEU, 2004, p.26).

A metodologia e a teoria devem está sempre concatenada, não sendo possível pensá-las

separadamente se não pode resultar na oposição no campo científico dos sujeitos que pensam e dos que fazem, isto e, na “oposição entre professores e investigadores de gabinetes de estudo”. Diante disso, a escolha por determinada técnica deve responder ao problema proposto e está relacionado à teoria, pois ambos não estão dissociados.

Além disso, ao pensar a construção do objeto deve-se ater não somente ao interesse pessoal, mas ao contrário deve levar em consideração o contexto em que o mesmo está inserido. Para tanto é necessário romper com senso comum que está contido nas pré-noções do objeto. Então, para “construir um objeto supõe que se tenha, perante os fatos, uma postura ativa e sistemática.” Assim, não se deixar influenciar pela “passividade empirista que não faz senão ratificar a pré-construções teóricas vazias” (IDEM).

Quanto à análise relacional só é possível a partir de aproximações sucessivas do objeto de estudo para que assim possa apreender a realidade social sem incorrer no erro de se ter falsas impressões sobre a mesma. Portanto, “trata-se de transformar o geral em particular do possível” (BACHELARD apud BOURDIEU, 2004, p.32).

Ademais, a linguagem como instrumento simbólico, sem dúvida, merece atenção, pois dependendo do capital intelectual pode servir para legitimar a posição do pesquisador sobre o sujeito pesquisado, a linguagem científica “só pode produzir completamente seu efeito ideológico”. Porém, Bourdieu nas trocas lingüísticas salienta que a linguagem não deve ser reduzida ao determinismo político e econômico, pelo contrário a compreensão da linguagem remete ao uso social da mesma.

E por fim, os custos e ganhos científicos e sociais no campo são considerados como principais obstáculos, uma vez que para realização de pesquisas e conseqüentemente para a produção do conhecimento é necessários recursos: materiais, econômicos e humanos. Existe uma relação objetiva entre custo e lucro. Porque o que está em jogo é legitimidade científica, isto é, o capital simbólico.

Por todos os aspectos mencionados “O limite de um campo é o limite dos seus efeitos ou, em outro sentido, um agente ou uma instituição faz parte de um campo na medida em que nele sofre efeitos ou que nele os produz” (BOURDIEU, 2004, p.31)

A sociologia: enquanto ciência e senso comum

As dificuldades em pensar a ciência da sociologia remetem ao pensamento de Foucault nas Palavras e as Coisas (1999) em que retrata as ciências humanas enquanto ciência, onde demonstra a preocupação sobre o homem como sujeito e objeto da ciência, antes disso, a cientificidade era determinada pela neutralidade. Na perspectiva do autor as ciências humanas são diferentes das ciências da matemática e da física em que os objetos são exteriores ao homem e passíveis de mensuração, ou seja, são manipuláveis. As ciências humanas surgem:

[...] da constituição do homem na cultura ocidental, ao mesmo tempo como o que necessário pensar e o que se deve saber. Certamente, não resta dúvida de que a emergência histórica de cada uma das ciências humanas tenha ocorrido por ocasião de um problema, de uma exigência, de um obstáculo de ordem teórica ou prática [...] (FOUCAULT, 1999, p. 476).

Tal visão rompe com o modelo empirista, isto é, constitui uma fuga ao senso comum, isto é, a uma visão positiva da realidade social. Esse processo não ocorreu de forma linear pelo contrário sofreu influências dos acontecimentos sociais, econômicos e políticos do século XIX. Diante do descortinar de um novo cenário estavam criadas as condições necessárias para o surgimento das ciências humanas.

Nesse contexto Foucault delimita o objeto das ciências humanas, sendo o homem não no seu sentido restrito, isto é, no aspecto biológico. Ou seja, em outra perspectiva:

[...] o homem não é o ser vivo que tem uma forma bem particular (uma fisiologia bastante especial e uma autonomia quase única; é esse ser vivo que, do interior da vida à qual pertence inteiramente e pela qual é atravessado em todo o seu ser, constitui representações graças às quais ele vive e a partir das quais detém esta estranha capacidade de poder se representar justamente a vida [...] (FOUCAULT, 1999, p.487).

Assim o autor (1999, p.479) anuncia o domínio da epistemologia moderna sob três dimensões que se entrecruzam. Primeiro, “as ciências matemáticas e físicas para as quais a ordem é sempre um encadeamento dedutivo”. Segundo, “as ciências da linguagem, por exemplo, que estabelecem relações descontínuas mais análogas com elementos” e Terceiro, “a filosofia onde se desenvolve a formalização do pensamento”.

Mas que as ciências humanas não fazem parte, “as ciências humanas são excluídas, no sentido ao menos de que não podem ser encontradas em nenhum das dimensões”. Porém Foucault salienta que as inclui, “pois é no interstício dos saberes, mais exatamente no volume definido por suas três dimensões, que elas encontram seu lugar” (FOUCAULT, 1999, p.480).

Com isso, Foucault vem romper com o saber especulativo na medida em que aproxima o objeto entre as ciências.

Do mesmo modo pode-se pensar a trajetória da sociologia, que surge com advento da industrialização nos idos do século XIX e da divisão de classes (capitalistas e proletariados). Bourdieu faz uma reflexão com relação ao papel do sociólogo, enquanto uma categoria de especialistas da produção simbólica, mas não somente isso que exercem influência na representação da sociedade.

Bourdieu sinaliza que a sociologia assume na realidade social uma posição política, pois o que “está em jogo é o poder de impor e inculcar a representação legítima do mundo social”.

A sociologia enquanto ciência, segundo o autor deve contribuir para:

[...] constituição da condição de perceber claramente que as diferentes posições no campo científico se associam-se representações da ciência, estratégias ideológicas disfarçadas em tomadas de posição epistemológica através das quais os ocupantes de uma posição determinada visam justificar sua própria posição e as estratégias que eles colocam em ação para mantê-la ou melhorá-la e para desacreditar, ao mesmo tempo, os detentores da posição oposta e suas estratégias [...] (BOURDIEU, 1983, p.155).

A busca pelo real sem dúvida constitui um dos princípios fundamentais que norteiam a Sociologia. O pensar relacional segundo o autor é uma das maneiras buscadas pelos sociólogos para apreender a realidade social. Diante disso, é preciso saber converter os problemas da vida cotidiana que se apresenta de forma abstrata em objetos científicos, isso se configura como um dos grandes desafios enfrentados pelo o sociólogo, pois como ser social ele não está fora da realidade não ficando isento dos diversos problemas existentes.

Para construir o objeto social o sociólogo de acordo com autor tem que antes “romper com o senso comum” que tanto podem estar contido nas representações do mundo social, nas pré-noções e nos discursos vazios. Para ele o papel do sociólogo é o de desvendar o que se passa por de trás da realidade que se mostra. Em virtude das condições históricas e sociais em que o sociólogo está inserido o mesmo pode tanto sofrer influências do meio ou não. Isso vai depender da objetivação do investigador, pois tanto pode levar a erros e/ou a produção de conhecimentos que não acrescentam nada a realidade.

Diante disso, a Sociologia influi no que a sociedade pensa sobre si. O sociólogo classifica um mundo também classificante. Ou seja, utiliza as noções classificantes para conhecer a realidade. “O mundo social constrói a sua própria representação, servindo-se para isso da sociologia e do sociólogo.” Daí a posição importante que a sociologia assume, uma vez que estabelece as condições necessárias para “instaurar um sistema de relações sociais de produção, circulação e consumo, como por exemplo, o campo científico, capaz de apresentar características sociais necessárias ao desenvolvimento autônomo da ciência.”

A sociologia enquanto ciência está sempre exposta a receber do mundo social que estuda diversos problemas. Diante disso, “elabora um corpo de problemas sociais tidos como legítimos para serem discutidos publicamente” e conseqüentemente pesquisado. No entanto, para se chegar a esse momento, muito foi feito para que os problemas que se encontravam na esfera privada tornassem problemas sociais

A pesquisa no campo da sociologia visa não compreender os problemas sociais, mais indicar respostas para enfrentá-los, levando em consideração o homem e suas inter-relações com o meio. Diante disso, a experiência da pesquisa bem sucedida, sem dúvida, vem contribuir de maneira satisfatória, para sensação do “prazer de sentir astuto e desmistificador”. Mas isso não ocorre sem posicionamento políticos e

epistemológicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do que foi exposto foi possível perceber que o pensamento de Bourdieu fornece aportes teóricos importantes que demonstram as relações antagônicas existentes no campo científico e que contribui de forma satisfatória para o entendimento de alguns conceitos como campo e de habitus. Mas não somente isso se percebe que suas obras possuem um grau de importância para discutir sobre as instituições de ensino, em especial sobre o papel das universidades.

O campo científico mostra ser um espaço em que se manifesta a competição e a concorrência, além disso, em que as relações de poder emergem como algo natural. Daí se podem extrair as condições de desigualdades que permeiam a produção e a circulação do conhecimento, pois como foi mencionado as posições assumidas no campo dependem de um conjunto de fatores pré-estabelecidos como a condição social.

As assimetrias no campo científico são gestadas em consonância com as lutas e tomadas de posições, em decorrência dos interesses pessoais e de classe. Nesse sentido, observa-se em torno da produção do conhecimento um verdadeiro monopólio, em que uma pequena minoria é privilegiada em virtude da sua posição. Assim, nessa dinâmica os conflitos são inevitáveis.

Os que permanecem fora do circuito científico são cada vez mais tomados pela inércia e pelo desejo de alcançarem os status daqueles que estão em melhores situações no cenário científico.

A ciência que é produzida reproduz os ideais dominantes pautados na subordinação e opressão. Assim, no campo da ciência estão presentes as mesmas relações visualizadas na lógica do mercado.

Por todos os fatores mencionados, o campo científico mostra ser um espaço de contradição em que a dominação é imposta de forma difusa, em que o intelectual tem um papel importante dependendo da sua posição política e teórica. Somente a partir disso, é possível visualizar novas possibilidades que de fato assegurem condições de igualdade a todos, principalmente no acesso ao saber, que constitui um dos princípios fundamentais e importante da sociedade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. IN: ORTIZ, R. Trad. Paula Monteiro e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983 (Col. Grandes Cientistas Sociais).

_____. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. A economia das trocas simbólicas. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004 (Col. Estudos).

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (Col. Tópicos).

_____. Microfísica do poder. Org. e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo discutir a respeito do campo científico como espaço de dominação a partir da perspectiva apontada por Pierre Bourdieu, onde a definição legítima da ciência está ligada aos interesses da classe dominante que busca manter seus privilégios. Diante dessa lógica desigual, estão de um lado (uma minoria) em busca de reconhecimento, e do outro, meros espectadores da realidade social.

PALAVRAS-CHAVE: *Campo científico. Relação de Poder. Monopólio.*

**ANA PAULA DE SOUZA OLIVEIRA**

Assistente Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestre e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM). Especialização em Serviço Social e Gestão em Políticas de Saúde (UFAM). Graduação em Serviço Social (UFAM). Vencedora do 1º lugar no eixo “Infância, Juventude e Envelhecimento no Congresso Nacional de Serviço Social em Saúde - CONASSS (2014)”.

**Dra. YOSHIKO SASSAKI**

Doutora em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora titular da Universidade Federal do Amazonas e está em fase final do seu pós-doutoramento na Universidade de São Paulo. Orienta discentes dos Programas de Doutorado e Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) e Mestrado em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia (PPGSS) da UFAM. Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase em Serviço Social do Trabalho, atuando principalmente nos seguintes temas: família, políticas públicas, serviço social, agravos serviços de saúde idosos, trabalho - assistente social - saúde e trabalho seguridade social condições de vida.